

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Medicina
Curso de graduação em Fonoaudiologia

Carolina Barbosa dos Santos Braga

**IMPLICAÇÕES DOS RECURSOS DO AMBIENTE FAMILIAR SOBRE A
FLUÊNCIA LEITORA.**

Trabalho apresentado à banca
examinadora para conclusão do curso
de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina
– Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte
2019

IMPLICAÇÕES DOS RECURSOS DO AMBIENTE FAMILIAR SOBRE A FLUÊNCIA LEITORA

Parecer CAE1.722.230

Introdução: A leitura tem sido objeto de estudo de diversas linhas de pesquisa, com temas que variam desde o processo de alfabetização, a consolidação e nos quadros patológicos que afetam a aprendizagem da leitura na infância, adolescência e adultos¹. Com o intuito de avaliar as variáveis que possam interferir no desempenho de leitura de adolescentes, foi proposto o estudo utilizando o Inventário de Recursos do Ambiente Familiar (RAF) e a avaliação de leitura. O RAF avalia recursos existentes no lar que podem contribuir para o aprendizado acadêmico². **Objetivo:** Descrever e analisar as relações presentes entre os recursos existentes no âmbito familiar de adolescentes com seus respectivos valores de fluência leitora. **Metodologia:** O estudo foi realizado por amostra não-probabilística de conveniência. Participaram 106 adolescentes entre 11 e 16 anos, regularmente matriculados do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas da região oeste de Belo Horizonte. Foi medida a fluência leitora por meio de leitura silenciosa³ e aplicado o Inventário de Recursos do Ambiente Familiar, ambos de forma coletiva em sala de aula. Para análise inferencial, foram usados os seguintes testes não paramétricos: correlação de Spearman, teste de Mann-Whitney e teste de Kruskal Wallis. Adotou-se nível de significância de 5%. **Resultados:** A análise do material coletado gerou três categorias para a discussão. Na primeira categoria, estão as variáveis do domínio de processos proximais que obtiveram resultados positivos em relação ao desempenho de fluência leitora. Os participantes que relataram não brincar dentro de casa e não possuir brinquedos com nomes de animais obtiveram melhores resultados no perfil de fluência leitora em relação aos que tiveram resposta diferente. Na segunda categoria, destacam-se as variáveis do domínio de estabilidade ambiental que obtiveram significância em relação ao perfil de fluência leitora dos participantes. Os participantes que afirmaram ter realizado viagem para uma cidade diferente daquela que vivem e aqueles que possuem enciclopédia em casa, desempenharam melhor a fluência de leitura do

que aqueles que responderam a mesma pergunta de forma oposta. Em relação ao jornalismo impresso, os participantes com melhor desempenho na leitura afirmaram não possuir jornais em casa. Por fim, são destacadas as questões que correspondem ao domínio de microssistemas e que apresentam relação com o desempenho de leitura dos participantes. Os indivíduos que afirmaram a presença de horário para dormir de forma variada (às vezes ou nunca), obtiveram maior número de palavras lidas por minuto. Da mesma forma, aqueles que afirmaram ter rotina estabelecida para assistir programas de televisão têm desempenho leitor melhor do que aqueles que afirmaram não possuir horários estabelecidos. Em relação à presença familiar, os adolescentes que afirmam realizar as refeições noturnas sempre ou às vezes na presença de seus familiares, também apresentaram a fluência leitora melhor. **Conclusão:** Foi possível observar que os hábitos e costumes das famílias refletem no desempenho em leitura dos adolescentes participantes. Portanto, é necessário maior investimento em parcerias que promovam letramento funcional para famílias a fim de conscientizá-las sobre sua grande influência no desempenho escolar dos indivíduos, fortalecendo a integração família-escola.

REFERÊNCIAS

1. Ferreira SPA, Dias MGBB. A leitura, a produção de sentidos o processo inferencial. *Psicologia em estudo*. 2004; 9(3): 439-48.
2. Pocinho MMFDD. Prevenção da literacia: processos cognitivos implicados na leitura. *Revista Iberoamericana de Educación*. 2007; 44(3):1-14.
3. Carthery-Goulart MT, Parente MAMP. Leitura e escrita e o envelhecimento. *Cognição e envelhecimento*. 2006; 191-202.
4. Marturano EM. Ambiente familiar e aprendizagem escolar. *Problemas de aprendizagem: enfoque multidisciplinar*. 1998; 73-90.
5. Marturano EM. O inventário de recursos do ambiente familiar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 2006; 19(3): 498-506.
6. Klibanoff RS, Levine SC, Huttenlocher J, Vasilyeva M, Hedges LV. Preschool children's mathematical knowledge: The effect of teacher "math talk". *Developmental Psychology*. 2006; 42(1): 59-69.
7. Melhuish EC, Phan MB, Sylva K, Sammons P, Siraj-Blatchford I, Taggart B. Effects of the home learning environment and preschool center experience upon literacy and numeracy development in early primary school. *Journal of Social Issues*. 2008; 64(1): 95-114.
8. Fantuzzo J, Gadsen V, Li F, Sproul F, McDermott P, Hightower D, Minney A. Multiple dimensions of family engagement in early childhood education: Evidence for a short form of the Family Involvement Questionnaire Early Childhood. *Research Quarterly*. 2013; 28(4): 734-742
9. Pungello EP, Kainz K, Burchinal M, Wasik BH, Sparling JJ, Ramey CT, Campbell FA. Early educational intervention, early cumulative risk, and the early home environment as predictors of young adult outcomes within a high-risk sample. *Child Development*. 2010; 81(1): 410-426.
10. Kohen D, Guèvremont A. Income disparities in preschool outcomes and the role of family, child, and parenting factors. *Early Child Development and Care*. 2014; 184(2): 266-292.
11. Harmer WR, Alexander J. Examination of parental attitudes within the diagnostic intervention process. *Journal of Learning Disabilities*. 1978; 11(9): 590-593.
12. Barbosa RA. Histórias africanas para contar e recontar. São Paulo: Editora Do Brasil. 2001; 9-12.

13. Hargrave AC, Sénéchal M. A book reading intervention with preschool children who have limited vocabularies: The benefits of regular reading and dialogic reading. *Early Childhood Research Quarterly*. 2000; 15(1): 75-90.
14. Payne AC, Whitehurst GJ, Angell AL. The role of home literacy environment in the development of language ability in preschool children from low-income families. *Early Childhood Research Quarterly*. 1994; 9 (3-4): 427-440.
15. Carreteiro RM, Justo JM, Figueira AP. *J Psycholinguist Res*. 2016; 45: 901. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10936-015-9381-3>. Acesso em: 25 mai 2019
16. Malhi P, Menon J, Bharti B, Sidhu M. Cognitive Development of Toddlers: Does Parental Stimulation Matter? *The Indian Journal of Pediatrics*. 2018; 85(7): 498-503.
17. Siaulys MOC. Brincar para todos. LARAMARA, Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual, 2005.
18. Kishimoto TM. Bruner e a brincadeira. O brincar e suas teorias. 2002.
19. Branco A. Da “leitura literária escolar” à “leitura escolar de/da literatura”: poder e participação. PAIVA, A. et al, 2005.
20. Sarriera JC, Tatim DC, Coelho RPS, Bucker J. The free time usage by teenagers of lower-class populations. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 2007; 20(3): 361-367.
21. Papalia DE, Feldman RD. Desenvolvimento humano. Artmed Editora, 2013.
22. World Health Organization. Maternal, newborn, child and adolescent health: adolescent development [Internet]. 2017 [acesso 21 mai 2019]. Disponível: <https://bit.ly/1gRxy8r>
23. Fitzgerald L, Spiegel D, Cunningham J. The relationship between parental literacy level and perceptions of emergent literacy. *Journal of Reading Behavior*. 1991; 23(2): 20.
24. Morais J. L 'Art de Lire. Editions Odile Jacob. (Tradução portuguesa: A Arte de Ler. Psicologia Cognitiva da Leitura. 1997.
25. BRASIL.Lei n. 8069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências (ECA). Brasília,DF,

1990. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/03/leis/l8069.htm>>. Acesso em: 13/06/2019

26. Tuan Y. Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira. 1980;52-67.
27. Kushano ES. Turismo infantil: uma proposta conceitual. Turismo e Sociedade. 2013; 6(1): 124-46.
28. Canavilhas J. El nuevo ecosistema mediático. Revista científica em el ámbito de la Comunicación Aplicada. 2011; 1(1): 13-24.
29. Canavilhas J. Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web. 2001. 2007.
30. Zamith F. Ciberjornalismo. As potencialidades da Internet nos sites noticiosos portugueses. 2008.
31. Machado E, Palacios M. Modelos de jornalismo digital. Salvador: Calandra. 2003: 161-186.
32. Mindell JA, Leichman ES, DuMond C, Sadeh A. Sleep and social-emotional development in infants and toddlers. Journal of Clinical Child Adolescent Psychology. 2017; 46(2): 236-246.
33. Leiferman JA, Ollendick TH, Kunkel D, Christie IC. Mothers' mental distress and parenting practices with infants and toddlers. Archives of women's mental health. 2005; 8(4): 243-247.
34. Rizzo G. Alfabetização natural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
35. Shinn M. Father absence and children's cognitive development. Psychological Bulletin. 1978; 85(2): 295-324.
36. Montgomery M. Breves comentários. In Silveira P, ed. Exercício da paternidade. 1998;113-8.